

Palma forrageira

A esmeralda do agreste

Palma forrageira do agreste baiano. Foto: Nathália Sousa

Nathalia Sousa dos Santos

UNESP/ Bauru

Em meio ao céu, de um azul intenso, o sol, que dá ao mundo luz, calor, energia. Mas aqui parece muito mais intenso, parece mais próximo, mais quente e claro. No chão, os veios criados pela falta d'água, do solo arenoso que não resistiu à intensidade do sol. Na roça, ao lado, um capim xoxo, amarelado, que não vê chuva há um bom tempo e, pela limpeza do céu, não verá tão cedo. Sobre o capim, pastam algumas ovelhas de raça mestiça, meio Dorper meio Santa Inês, hibridação pensada para as condições em que vivem. Elas tentam pastar o capim, mas vê-se que não é o suficiente, porque os ossos das costelas e dos quadris evidentes são prova da falta de alimento. O gado fica em outra roça, um pouco maior, mas não o bastante, já que o pasto está tal qual o da roça das ovelhas.

Nessas condições o pequeno produtor rural do agreste tem duas saídas: dar ração aos animais ou cultivar algo que vingue, onde nada vinga. É por aí que, no meio do quase deserto, um oásis pouco convencional, diferente dos descritos em livros sobre o Oriente

Médio ou o deserto do Sahara. É verde, mas não há coqueiros, tampouco um lago azul. É a palma. O único verde, salvos os mandacarus, que

sobrevive no sertão, nessas condições.

Essa espécie de cacto, natural do México, chegou ao Brasil no século XIX e logo se tornou uma saída para o retirante que, sem capim, por conta da seca, era obrigado a abandonar a roça. Hoje as coisas não são tão mais fáceis no sertão, mas a palma forrageira, com certeza, se tornou uma aliada dos produtores de animais.

Com a necessidade de um alimento completo e resistente, a palma forrageira foi introduzida majoritariamente no Nordeste. Segundo o portal Embrapa Semiárido, há mais de 400 mil hectares da planta nesta região.

O pequeno produtor rural que reserva água para consumo próprio e da família nas cisternas não pode se dar ao luxo de utilizar desta na lida com os animais. Para o gado, caprinos, ovinos, até galinhas, há tanques, como pequenas lagoas que têm, em média, um diâmetro de uns 10, 15 metros.

A água é barrenta, muito turva, e coberta por pequenas plantas aquáticas. Com a estiagem estendida, há a necessidade de comprar água para dar aos bichos. Mas essa água trazida em um caminhão pipa e despejada nos tanques tem, rapidamente, uma boa parte de seu volume absorvido pela terra seca ao redor, o que sobra, não dura muitos dias, dependendo do clima, logo evapora com o calor.



Solo arenoso do Nordeste.
Foto: Nathália Sousa

MAS A PALMA É NUTRITIVA?

Nessas condições, é necessária a presença de alimentos mais úmidos aos animais, já que alimentos mais secos demandam um maior consumo da tão rara água. A palma é excelente nesse sentido, pois tem um alto teor de umidade em sua composição. Contudo, “como a maioria dos alimentos, a palma não deve ser administrada como único ingrediente da dieta, fazendo ajustes, principalmente, no que se refere ao teor de proteína bruta da dieta e o equilíbrio entre carboidratos fibrosos e não fibrosos, para manutenção das condições normais do rúmen”, esclarece Marcelo Ferreira, professor especializado em nutrição animal da Universidade Federal Rural do Pernambuco.

Com isso, pode haver o uso de outra forrageira que complemente, principalmente, a necessidade de fibras, já que as quantidades na

palma são baixas, como silagem de milho ou cana-de-açúcar para a nutrição mais completa. Mesmo assim, a palma apresenta ótimas quantidades dos demais nutrientes necessários e é uma opção às rações, podendo representar metade da alimentação do rebanho.

Neste lugar, onde o sol parece mais poderoso, não há muitas famílias que se arrisquem a dar continuidade às origens, de quem nasceu e cresceu debaixo do chapéu, de palha ou de couro, e sobre as alpercatas simples, mas que servem bem para proteger os pés, já adaptados, dos estepes de espinhos que permeiam o chão da caatinga. Dessas poucas famílias que restam, propriedades pequenas, geralmente sítios, são as mais comuns. Não é fácil ter uma pecuária extensiva, como se vê no Centro-oeste, em meio à caatinga.

“Devido a estrutura fundiária (pequenas propriedades), na maioria das propriedades a

pecuária se resume à criação de bovinos de leite, caprinos e ovinos. Porém, devido ao seu valor nutricional, a palma pode ser utilizada na alimentação de bovinos de corte sem nenhum problema.” É o que diz Marcelo Ferreira, caracterizando a palma como sem restrições para a dieta de animais, seja de corte ou de leite.

E PLANTA COMO?

No solo arenoso que toma conta da caatinga é difícil a lida com a maioria dos tipos de plantas. Mas no que diz respeito à fertilidade do solo nordestino, “ao contrário do que muita gente pensa, os solos da Caatinga, são bastante variados, podendo-se encontrar de Areia Quartzosa até Terra Roxa Estruturada. Temos solos extremamente férteis, no entanto, são improdutivos pela ausência de umidade. Quando tentamos trabalhar com água, fazendo irrigação, entra o outro problema que é a salinidade

Fotos: Marcelo Ferreira



Palma Gigante

Palma Orelha de Elefante

Palma Miúda



Plantio em corredores para o pastejo direto.
Foto: Paulo Suassuna



Plantação de palma forrageira sem metodologia especial.
Foto: Paulo Suassuna

elevada dos nossos mananciais”, conta Paulo Suassuna, que é engenheiro agrônomo.

A seca que afeta a região é o principal fator que impede a produtividade das terras. As plantas não resistem e morrem secas pela falta de chuva. “O município de Cabaceiras, na Paraíba, é o município mais seco do Brasil com uma pluviometria média anual de 350 mm, então, basta ir lá em Cabaceiras para ver que só escapa quem tem Palma (...) Elas conseguem sobreviver com 150 mm de chuvas por ano”, como diz Paulo, que também é especialista em palma forrageira e desenvolvedor do cultivo intensivo da planta.

Mas Paulo também conta que é importante mudar a cultura da palma, “no sistema tradicional ela era cultivada para ser utilizada, apenas, diante de um ciclo seco forte e poucos tratos culturais eram dados a ela por ser bastante rústica e sobreviver em qualquer lugar. Hoje, o modelo tecnológico de produção que nós criamos - Tecnologia do Cultivo Intensivo da Palma - TCIP, trata a palma como cultura nobre”, essa mudança faz a diferença, pois trata com mais cuidado uma planta, que pode ser danificada e fragilizada como as demais e, “dessa maneira, ela pode ser cortada todos os anos com índices de produtividade que superam de 10 a 12 vezes quando se compara com o sistema tradicional de cultivo. Em 2009, no município de Canindé de São Francisco - SE, nós batemos o recorde mundial de produtividade de palma com incríveis 732 toneladas por hectare em apenas 13 meses de cultivo”.

Outro método bastante interessante para que o produtor consiga otimizar o tempo e o trabalho é o pastejo direto na palma, onde o gado pasta direto na planta, sem a necessidade do corte. “Deixamos o plantio completar 2 anos de idade para poder permitir que os animais possam consumir a palma (As plantas precisam estar bem formadas para poderem aguentar a pressão de pastejo). Os espaçamentos são modificados para poder permitir o trânsito dos animais dentro do palmar sem que quebrem

as plantas, sendo assim, trabalhamos com o espaçamento de 6,0 m entre linhas, formando corredores de pastejo” conta Paulo Suassuna.

Paulo ainda fala como o manejo é feito para que o gado se alimente corretamente direto na palma: “entre uma fileira dupla e outra, instalamos a linha elétrica que impossibilita o animal de se alimentar em qualquer outra fila que não seja a que queremos que ele se alimente”.

Para o pequeno produtor, que passa diariamente pelas mazelas da região, Paulo informa que quando o sertanejo “aceita a palma como parte integrante do rol de alimentos para serem ofertados diariamente aos seus animais, ele deve aplicar a Tecnologia do Cultivo Intensivo da Palma. Como as produtividades são extremamente elevadas, a medida do Hectare deixa de ser o padrão passando a ser o cultivo em metros lineares da cultura. Por exemplo, um pequeno produtor que plantar 1.000 m² de palma vai produzir tanto quanto se tivesse plantado 10.000 m² (1,0 ha) no sistema tradicional e isso passa a viabilizar o pequeno módulo rural”.

Isso intensifica a produção e dá a oportunidade do sertanejo ter suas criações. Suassuna ainda explica: “para você ter uma ideia, com 1/3 de hectare nós já estamos trabalhando com 300 ovelhas. Diante disso, quando cultivada nos moldes propostos pela TCIP, a palma apresenta-se como a principal alternativa forrageira para os ambientes áridos e semiárido do Brasil e do Mundo”.

E da palma vem o sustento de muitas famílias, com a palma ganham o pão de cada dia. Falando assim até parece que são artistas, que ganham a vida com apresentações e palmas, na verdade, quem vive no agreste conhece a adaptação, tem criatividade para não perder a esperança, são como artistas mesmo, sempre em busca dos sonhos, mas com os pés enraizados no solo arenoso, que não parece muito bom, mas nutre o coração do sertanejo e a esperança de criar e cultivar vida para poder viver. ■